

Percepção de universitárias beneficiárias de programas de permanência e assistência estudantil sobre seu desempenho acadêmico

Natália Nascimento Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: silvanaty1995@gmail.com

Hétone Rodrigues Rocha
Universidade Federal da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: hetonerocha@ufba.br

Felipe Watarai
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: felipe.watarai@uesb.edu.br

Palavras-chave: Ensino Superior. desempenho acadêmico. Permanência estudantil

INTRODUÇÃO

A literatura científica tem indicado um aumento expressivo no acesso de membros das camadas mais pobres da população ao ensino superior. Com isso, destaca-se a necessidade de ampliação e aprimoramento das políticas de permanência estudantil voltadas para estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Tal vulnerabilidade se evidencia em diferentes fatores como déficits na formação básica, necessidade de trabalhar, migração para estudar, desigualdade de gênero e raça/etnia, entre outros. Como efeito, essa condição de vulnerabilidade pode acarretar em prejuízo à aprendizagem, ao desempenho acadêmico dos discentes ou mesmo a evasão dos espaços universitários (Almeida; Silva, 2020).

Em levantamento próprio junto à plataforma Scielo sobre estudos dessa temática nos últimos dez anos, nota-se a predominância do emprego de métodos quantitativos, em detrimento dos estudos mais qualitativos e compreensivos, sobre as experiências dos discentes. Em atenção a isso, este trabalho baseia-se em uma pesquisa de delineamento qualitativo com alunas de graduação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia -

Realização:



Apoio:



UESB que se beneficiam de programas de permanência e/ou assistência estudantil, todas vinculadas a cursos do campus de Vitória da Conquista-BA.

Considerando a exposição feita, o objetivo deste trabalho é compreender a percepção dessas mulheres universitárias beneficiárias de programas de permanência e assistência estudantil sobre seu desempenho acadêmico.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo desenvolvido em 2022 como parte das atividades da disciplina Pesquisa em Psicologia, componente curricular do Bacharelado em Psicologia da UESB. Como já afirmado, a presente pesquisa tem delineamento qualitativo, categoria de estudos que focam na experiência do sujeito sem formular hipóteses previamente, reconhecendo que o pesquisador pouco sabe sobre o seu objeto de estudo até ter contato com ele (Bogdan; Biklen, 1994).

As participantes eram cinco graduandas de cursos de graduação da UESB e beneficiárias de programas de permanência e/ou assistência estudantil da UESB, sendo eles: 1) a habilitação ao Programa de Assistência Estudantil (PRAE), que fornecia acompanhamento psicológico e pedagógico aos estudantes, cotas de xerox e almoço pelo preço fixo a R\$ 1,00 no Restaurante Universitário, 2) o auxílio moradia e 3) o programa de residência estudantil, que concede a estudantes em vulnerabilidade moradia em uma Residência Universitária (RU), localizada no próprio campus. Ademais, os estudantes ainda poderiam se beneficiar do Programa Mais Futuro, um auxílio financeiro de responsabilidade do governo do estado baiano, concedido a estudantes economicamente vulneráveis das instituições estaduais de ensino superior.

Assim, o perfil das participantes pode ser descrito da seguinte forma: participante 1 - 28 anos, cursando licenciatura em Filosofia, dessemestralizada, habilitada ao PRAE e moradora da RU; Participante 2 - 30 anos, bacharelanda em Direito, nono semestre, habilitada ao PRAE, moradora da RU, aguardando transição para o perfil estágio do Programa Mais Futuro; Participante 3 - 25 anos, cursando licenciatura em Pedagogia, sétimo semestre, beneficiária do auxílio moradia do Programa Mais Futuro; Participante 4 - 27 anos, dessemestralizada, cursando licenciatura em Biologia, beneficiária do auxílio

Realização:



Apoio:



básico do Programa Mais Futuro; Participante 5 - 23 anos, graduanda em Pedagogia, sétimo semestre, Habilitada ao PRAE e bolsista do Mais Futuro.

Como estratégia para a geração do material empírico, realizamos entrevistas aprofundadas com as participantes sob orientação de um roteiro semiestruturado. Considerando que a situação de entrevista em pesquisa representa “uma relação diádica, que cria uma forma de sociabilidade específica, limitada no tempo, sem continuidade” [...] (Romanelli, 1998, p.125), tem-se que essa relação entre pesquisador e pesquisado pode colaborar para que a pessoa entrevistada reflita e veja as questões discutidas sob outro aspecto (Romanelli, 1998).

Dessa forma, as entrevistas semiestruturadas foram utilizadas para ter acesso à percepção das estudantes sobre o seu desempenho acadêmico. Configurado dessa forma, essa ferramenta permite que o pesquisador acrescente mais questionamentos ao longo do processo, caso seja necessário, além de permitir a comparação das respostas já que a estrutura principal se mantém (Bogdan; Biklen, 1994). Os nomes das entrevistadas são ocultados para preservar o anonimato das participantes. Além disso, todas autorizaram a gravação em áudio das entrevistas, que foram transcritas para a pesquisa.

No que tange à análise do material empírico, os conteúdos das entrevistas foram agrupados a partir da elaboração de Categorias de Codificação, que são um meio de classificar e organizar os dados de acordo com a similaridade das respostas (Bogdan; Biklen, 1994). Nessa linha, partimos de três categorias prévias que, inclusive, se refletiram na estruturação do roteiro de entrevista: fatores percebidos que influenciam o desempenho acadêmico, impactos da vulnerabilidade econômica na vida acadêmica e percepção do próprio desempenho em comparação ao dos colegas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fatores que influenciam o desempenho acadêmico - Considerando as influências positivas, temos as características pessoais que facilitam um melhor desempenho e maior segurança financeira que a vinculação a projetos com bolsas remuneradas proporciona. Quanto às negativas, destacaram-se as dificuldades com conteúdos específicos, estilos de interação dos docentes e déficits na formação básica. Sobre isso, segue um recorte da fala da quarta participante: “o que dificulta são conteúdos que são mais abstratos [...], a gente

Realização:



Apoio:



tem que ficar imaginando, é tudo abstrato, você não está vendo ali o gene na sua frente”. Além desses, as entrevistadas referiram outros fatores negativos como a imprecisão das avaliações conduzidas pelos docentes nos componentes curriculares, excesso de disciplinas, necessidade de exercer uma atividade remunerada ou dificuldades na organização e apresentação dos documentos requisitados para inscrição ou manutenção dos vínculos aos programas de assistência e permanência estudantil. Os segmentos das entrevistadas 1 e 4, respectivamente, são ilustrativos dessa categoria: “Porque ao invés de eu estar [...] lendo o texto ou produzindo algo, eu estou resolvendo pendências que dizem respeito ao meu auxílio e está me tirando totalmente do meu foco”; “agora que eu estou com oito disciplinas [...], tem muito conteúdo para estudar, então de certa forma você fica sobrecarregado”.

Impactos da vulnerabilidade social e econômica na vida acadêmica - apesar de temas pertinentes a esse recorte terem sido abarcados no código anterior, especialmente no que tange aos fatores que influenciam negativamente o desempenho, nesta segunda categoria ficaram ressaltados o papel que os auxílios financeiros assumiram na vida de algumas entrevistadas. Por um lado, seu uso foi percebido como um recurso para amenizar as vulnerabilidades, caracterizando-se como um fator de proteção e de redução da desigualdade. Além disso, esses auxílios também são percebidos como potencializadores da qualidade de vida e independência, sobretudo pelo consumo de bens e serviços. Esses dois significados são demarcados nas seguintes falas das entrevistadas 1 e 4, respectivamente: “sempre que uma bolsa acaba eu fico preocupada em como eu vou conseguir um outro auxílio para mim permanecer dentro do curso, porque sem auxílios eu não ia permanecer porque a minha família não tem condições de me ajudar”; “não só no sustento, mas nisso de você se enxergar [...] que você tem uma certa independência, sobra alguma coisa ali na sua vida, você não paga um aluguel, mas você pode sair com seus amigos no final de semana porque você tem dinheiro”.

Comparação com os colegas - novamente, dois conjuntos de conteúdos ficaram mais evidentes. O primeiro relaciona-se a um sentimento de inferioridade em comparação a seus colegas, enquanto o segundo refere-se a uma percepção sobre o próprio desempenho como equivalente ao dos demais colegas. Desta forma, no relato das participantes 2 e 4 podemos observar essas diferenças de percepções: “Eu acho que o

Realização:



Apoio:



desempenho deles é melhor. O desempenho deles é bem melhor do que o meu, até porque eu sou um pouco tímida e isso me atrapalha também”; “Tá bem balanceado[...], tem algumas disciplinas que eu consigo me sair bem melhor do que alguns, não que todos, e tem disciplinas que eu tenho um pouco mais de dificuldade também”.

CONCLUSÕES

Em conclusão, através desse estudo foi possível apreender a percepção de desempenho acadêmico das universitárias participantes, assim como propunha o objetivo deste trabalho. Uma síntese dos resultados indica que a percepção das entrevistadas sobre o próprio desempenho mescla aspectos positivos, com algum grau de satisfação, mas, predominantemente, abarca aspectos negativos. Esse desempenho percebido como inferior se mostra associado a fatores como características da forma de atuação dos docentes, sobrecarga por necessidade de exercer atividade remunerada ou pela quantidade de disciplinas ou formação escolar deficitária, entre outros.

Estudos futuros podem ampliar o esforço intencionado neste trabalho. As conclusões alcançadas aqui não são definitivas e novos estudos podem aprofundar as questões discutidas aqui ou mesmo explorar aspectos não tangenciados nesta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. N.; SILVA, P. V. Desempenho acadêmico e as dificuldades dos estudantes em vulnerabilidade socioeconômica. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, Brasil, v. 29, n.1, p. 76-94, 2020.

BOGDAN, R. C; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto, Portugal: Porto Editora, LDA, 1994.

ROMANELLI, G. A entrevista antropológica: troca e alteridade. In: ROMANELLI, G.; BIASOLI-ALVES, Z. M. (Orgs.). **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa**. Ribeirão Preto: Legis Summa, p. 119-133, 1998.

Realização:



Apoio:

